Engajamentos Regionais

Se fizermos uma comparação entre os engajamentos da Organização das Nações Unidas, Organização dos Estados Americanos, de outros organismos de segurança e das próprias forças armadas, entre o período da Guerra Fria e após este período, vamos constatar que a demanda por operações de paz, assistência humanitária e combate aos ilícitos aumentou significativamente no segundo.

Por um lado, o que ocorreu é que perdemos o equilíbrio bipolar e passamos a conviver com a realidade dos conflitos que estavam latentes. A divisão ideológica deu lugar a um sentimento de independência em relação à direção orientadora.

Para agravar ainda mais a situação, as crises econômicas, o crime transnacional, as desigualdades sociais, os ressentimentos étnicos, entre outros fatores, vieram alimentar esses conflitos.

Como trabalhar em ambientes tão complexos? Como preparar os recursos humanos para tal?

A seção a seguir apresenta algumas opiniões a respeito de tema tão relevante para todos nós, militares ou não.

A Luta da Colômbia pela Democracia Face à Guerrilha e aos Narcotraficantes: Como Podem os EUA Ajudar?

Embaixador David Passage

Traduzido da revista *Adelante, Summer 2000*

A controvérsia gerada pelo "Plano Colômbia" e a discussão em torno da assistência econômica têm feito com que os Estados Unidos enfoquem sua ajuda unicamente para o desenvolvimento sócio-econômico e para a guerra contra o tráfico ilícito de drogas. O autor deste artigo sugere que essas limitações podem ter um impacto negativo na estratégia como um todo.

DURANTE OS últimos dois anos, as autoridades em Washington têm estado cada vez mais mergulhados no debate crescente sobre o que os Estados Unidos podem fazer para ajudar a Colômbia a enfrentar suas duas grandes ameaças — o lucrativo negócio das drogas ilícitas e sua crescente insurreição interna.

Porta-vozes do governo dos EUA têm clara e repetidamente identificado que seu principal interesse está em minimizar o contrabando de narcóticos ilegais para o seu mercado interno. Mais de 80% de toda a cocaína que entra no país vem da Colômbia ou através dela. Um aumento no volume de heroína também está vindo de lá, como conseqüência da entrada dos traficantes colombianos num mercado até há pouco dominado por suprimentos procedentes do "Triângulo Dourado" formado por Burma, Tailândia, Laos, o sul da China, as cadeias de montanhas de Karakorum, Elburz, e o Cáucaso, na Ásia central.

O interesse mais imediato da Colômbia, por outro lado, é de acabar com seu velho pesadelo nacional — um conflito interno que já custou mais de 50.000 vidas durante as últimas cinco décadas e que agora tem quase 30% do seu território sob controle da guerrilha. A Colômbia tem o mais alto índice mundial de seqüestros e um dos mais altos índices mundiais de assassinatos, ambos por crime e política. Centenas de políticos eleitos são assassinados a cada ano, milhares de colombianos têm emigrado (a maioria aos Estados Unidos), e outros milhares têm sido "internamente deslocados" — termo usado para civis que moravam em áreas consideradas demasiado perigosas, forçados a encontrarem refúgio em outras partes do seu próprio país.

O debate nos EUA sobre o que se deve fazer, se é que deve fazer alguma coisa, para ajudar a Colômbia a restaurar sua ordem interna, tem sido com relação a assuntos sobre os direitos humanos (as Forças Armadas colombianas não têm tido boa atuação neste sentido até recentemente) e a competência profissional militar (são as Forças Armadas colombianas suficientemente treinadas e adequadamente equipadas para enfrentarem a situação?).

Um papel para os EUA?

Apesar que os méritos de um aumento no programa de assistência por parte dos EUA para a Colômbia (se é que a Colômbia aceita) terão que ser decididos por discussão entre o governo dos EUA, o Congresso e o povo americano, pode ser útil estudarmos qual é exatamente o nosso interesse nacional na Colômbia e o que podemos fazer para ajudar esse país.

Apesar também que a estrutura e organização das Forças Armadas da Colômbia estão em fase de mudanças, a maior parte ainda é composta de organizações adestradas e equipadas para guerra convencional — não para conflitos menores e bem mais localizados de manutenção da paz e engajamentos em ações policiais, com os quais os militares dos EUA lidaram repetidas vezes durante a década passada.

Mesmo com as recentes mudanças, os militares colombianos continuam, em sua maioria mal preparados, mal

---

As idéias apresentadas aqui não representam necessariamente a opinião da Escola das Américas ou do Exército dos EUA. O artigo foi incluído como contribuição à analise da condição precária da Colômbia dentro de um espírito de respeito pela pluralidade de idéias e a liberdade de expressão. Outra consideração é que o artigo foi aceito no 1º semestre de 2000.

treinados e mal equipados para reagirem rapidamente frente a situações táticas de alta intensidade, particularmente à noite. E, finalmente, ainda não comprovaram qual seria o impacto que suas ações poderiam ter, para melhor ou para pior, sobre a população civil local.

As Forças Armadas americanas aprenderam no Vietnã a importância das palavras de Mao Tse Tung de que o povo era o "mar" no qual nadam os "peixes" (exemplo: o exército guerrilheiro). Se forças de defesa (neste caso, os militares e a polícia da Colômbia) não conseguem mobilizar o apoio popular a seu favor — ou pior ainda, perder o apoio popular por usarem táticas brutais e falta de interação com populações locais — começarão em grande desvantagem, pois na guerra contra a insurreição a guerrilha é que escolhe a hora e o lugar para atacar, enquanto as forças de defesa têm que proteger todos os lugares o tempo todo. Ganhar a lealdade e o apoio (os "corações e as mentes") do seu próprio povo é essencial para o sucesso de qualquer esforço governamental em vencer a insurreição. Sem o apoio ativo do seu próprio povo, torna-se muito difícil para qualquer força militar ou governo obter êxito. Com esse apoio é provável que possam vencer.

O interesse dos EUA na Colômbia

Economicamente, a Colômbia ocupa o 25º lugar na lista dos mais importantes parceiros comerciais dos EUA. Isto significa que, depois do Canadá, México, Japão, Grã Bretanha, Alemanha e um punhado de outros países europeus e asiáticos, a Colômbia se encontra enquadrada no segundo plano de nossos mais importantes parceiros comerciais. É o nosso quarto cliente mais importante na América Latina (depois do México, Brasil e Venezuela). Mais de 400 das companhias da lista *Fortune 500* negociam na Colômbia. Mais de 25.000 cidadãos americanos vivem e trabalham na Colômbia e, apesar de que um certo número deles tenham dupla nacionalidade, podem vir a depender do governo norte-americano para poder zelar pelos seus direitos e, numa situação extrema, teriam o direito legal de serem admitidos nos EUA.

Os colombianos podem vir a englobar o segundo maior grupo de imigrantes ilegais no país, depois dos mexicanos. Os números evoluíram na década passada, em parte como resultado de mudanças nos padrões de conduta usados pelo tráfico de drogas e outras atividades ilegais, de uma percepção de maior oportunidade econômica nos EUA e, em parte, em função da crescente onda de violência na Colômbia. A maior ameaça de uma emigração em grande escala vem desta última. Já estamos vendo um aumento no número de remessas patrimoniais e imigrantes das classes média e alta da Colômbia com o objetivo de obter maior segurança fora do país. Em meados de 1999, a Embaixada dos EUA em Bogotá reportou que os pedidos de vistos haviam dobrado em comparação com o ano anterior, entre 35.000 e 40.000 pedidos por mês.

O terceiro motivo pelo tumulto na América Latina — a produção e o tráfico ilegal de narcóticos — obviamente não precisa de muita elaboração. Apesar de dez anos de assistência recebida dos EUA, por parte das policias contranarcóticos e nacional colombianas, a produção de drogas têm aumentado. O cultivo da coca, a matéria-prima principal usada na produção da cocaína, tem-se transferido da Bolívia e do Peru para as novas e grandes plantações na selva e planícies do sudeste da Colômbia apesar dos grandes esforços de erradicação por parte da Colômbia e dos EUA. Não somente não têm havido redução no suprimento de cocaína para o mercado global como pelo contrário, a produção aumentou. Mais de 80% de toda a cocaína consumida nos EUA vem da Colômbia ou através dela, assim como uma crescente porcentagem de heroína. Apesar do desmantelamento dos Cartéis de Medelin e Cali, as apreensões de centenas de narcotraficantes, a pulverização de milhares de hectares de plantações ilegais de coca, o despejo de milhares de barris de precursores químicos nas águas dos rios Amazonas e Orinoco e a destruição de centenas de laboratórios ilegais de processamento de drogas, não diminuiu o suprimento de narcóticos ilegais para os países consumidores.

Finalmente, apesar dos grandes esforços em negar (ou no mínimo evitar a confirmação) os laços entre a guerrilha e os narcotraficantes, agora é obvio para todos, salvo para os observadores mais obtusos, que existe uma relação simbiótica entre ambos.

A guerrilha recebe dinheiro para a compra de armas e munições mediante a proteção dos locais de produção dos narcóticos enquanto os narcotraficantes se beneficiam desta proteção contra a polícia e os militares da Colômbia.

Qual deve ser o objetivo dos EUA na Colômbia?

O objetivo dos EUA é, e deve ser, uma Colômbia tranqüila e democrática, dirigida por um governo eleito pelo povo, capaz de exercer um controle eficaz sobre o seu território, e de proteger os direitos humanos e as liberdades civis de todos os seus cidadãos; acabar com as violações dos direitos humanos por parte dos paramilitares da guerrilha e dos elementos de sua própria polícia e das Forças Armadas; minimizar a produção e o trafico de narcóticos ilícitos; e ser apoiado por todos os seus cidadãos, enquanto encara os seus sérios problemas políticos, sociais e econômicos.

Para que o governo colombiano possa fazer isso, suas forças militares e policiais têm que ser suficientemente profissionais e bem equipadas, assim, serão capazes de reprimir a desobediência da lei e os desafios armados à autoridade do governo, sendo estes das Forças Armadas Revolucionarias da Colômbia — FARC, o Exército de Libertação Nacional — ELN, dos paramilitares, narcotraficantes ou de outros elementos criminosos.

Onde começar?

Tanto cidadãos colombianos quanto estrangeiros têm preparado uma série de estudos recentes sobre a capacidade profissional das Forças Armadas colombianas, quase todos identificando sérias deficiências. Apesar do fato que o militar colombiano tem tido mais experiência, durante um período mais prolongado, em lidar com a guerrilha insurgente do que qualquer outra força neste hemisfério, o seu trabalho durante as duas últimas décadas não deixou boa impressão.

As críticas profissionais começam por questionar a competência de alguns oficiais superiores, acusando-os de corrupção em praticamente todos os níveis de comando. Terminam por descrever a ignorância e o medo existentes entre os recrutas mal treinados, inadequadamente equipados e mal liderados.

A Colômbia, ao contrário de El Salvador que estava à beira do colapso entre 1984/85, não está em perigo iminente de ser derrotada pela FARC ou ELN. Nenhum movimento de guerrilha está prestes a descer vertiginosamente das montanhas para se apoderar de Bogotá. Não é portanto necessário destinar recursos urgentes para o problema colombiano. Mas é necessário que ambos, a Colômbia e os EUA, o levem a sério — pouco se tem feito até agora.

Um papel para os EUA?

Muitas mudanças necessárias só podem ser aplicadas como resultado de uma limpeza realizada pelo Exército colombiano, quando encara com seriedade as suas dificuldades. O processo já começou, sendo uma tarefa de grandes proporções. O presidente Pastrana nomeou o general Fernando Tapias como Comandante das Forças Armadas e retirou ou transferiu vários generais e outros oficiais militares superiores, incluindo o general Ivan Ramirez, Comandante da 20ª Brigada de Inteligência — um passo importante no esforço para melhorar o profissionalismo do Exército e em seu trabalho de coleta, avaliação e disseminação da inteligência.

Outras mudanças também devem ocorrer, algumas com a ajuda dos países amigos da Colômbia. No mínimo, um programa cuidadosamente planejado de adestramento e equipamento militares poderia aumentar em muito o ritmo de profissionalização das forças armadas e limpar seus vínculos anteriores com a violação dos direitos humanos. Uma lista parcial das mais importantes deficiências e melhoramentos das forças militares da Colômbia teria que incluir:

- **Desenvolvimento de uma estratégia.** O Exército da Colômbia precisa uma estratégia ampla e viável de como lidar com a guerrilha e os paramilitares e para restaurar o controle do governo sobre o seu território. Simplesmente dizer que, "vamos combater o inimigo onde quer que o encontremos" não é o suficiente.
- **Adestramento e doutrina para operações de pequenas unidades.** O Exército colombiano continua sem preparação para operações de combate de pequenas unidades, apesar de que está começando a mudar. Forças de Operações Especiais dos EUA, por outro lado, são explicitamente organizadas para adestrar e lidar com operações dessa natureza.
- **Adestramento e doutrina para operações conjuntas.** As Forças Armadas colombianas só recentemente passaram a desenvolver uma doutrina para operações conjuntas, incluindo a polícia nacional, com o uso dos recursos do Exército, da Força Aérea e da Marinha para reforçar as habilidades e pontos fortes de cada um e compensar as deficiências. As forças estadunidenses, por outro lado, praticam operações conjuntas cotidianamente.
- **Equipamento e adestramento para operações de combate noturno.** Até recentemente, não se ouvia falar em operações de combate noturno. Ao anoitecer, o exército retornava aos quartéis e rezava para que a guerrilha não atacasse à noite. As operações de combate noturno são uma especialidade americana.
- **Melhora drástica na coleta, avaliação e disseminação de inteligência operacional** A coleta e avaliação de inteligência do militar colombiano é melhor descrita como primitiva. A disseminação do conhecimento é praticamente inexistente, por causa da rivalidade e desconfiança entre as unidades do exército e seus dirigentes.
- **Desenvolvimento da capacidade de reação rápida.** Quando quatro pesquisadores americanos foram seqüestrados numa emboscada da guerrilha em Boyaca, em 1998 (incluindo vários cidadãos colombianos), uma unidade do Exército demorou mais de oito horas para reagir — apesar de que o seqüestro havia ocorrido a menos de dez quilômetros de um de seus postos.
- **Expansão da capacidade para evacuação aeromédica**. Em 1999, foi relatado que existiam apenas três helicópteros designados para evacuação aeromédica (EvAem*)*. Durante o conflito em El Salvador, o presidente Duarte declarou que a criação da capacidade *EvAem* dava-lhe "o equivalente a mais três brigadas", pela melhora no moral de seus soldados, na certeza de que poderiam ser evacuados e tratados no caso de serem feridos em combate.
- **Criação de uma força de choque aeromóvel para reagir rapidamente às situações táticas e oportunidades**.

Gen Rosso José Serrano inspeciona um laboratório de produção de cocaína.

Fotos: *Adelante*

Em 1985, os EUA ajudaram as Forças Armadas salvadorenhas a criar uma força de helicópteros de reação imediata chamada "Relâmpago", planejada para iniciar o desdobramento dentro de quinze minutos após ter recebido ordem. Uma das primeiras operações resultou na captura de Nidia Diaz, uma comandante superior da Frente "Farabundo Marti de Libertação Nacional — FMLN", quando ela e um pequeno grupo haviam parado para descansar após uma incursão. A Colômbia apenas agora está começando a desenvolver esse tipo de força para reagir imediatamente às informações recebidas sobre alvos prioritários.

- **Acentuada melhora na logística.** As três forças singulares precisam de importantes aperfeiçoamentos em suas logísticas. Não se tratam de habilidades desconhecidas na Colômbia. A Avianca, companhia de aviação nacional colombiana, a mais antiga das Américas e a segunda mais antiga do mundo, tem uma logística de elevado padrão sem a qual não seria possível administrar uma companhia aérea internacional. Não é lógico sugerir que os colombianos não entendem do assunto.
- **Melhora na cadeia de suprimento.** Até recentemente, por exemplo, as Forças Armadas da Colômbia não tinham hélices de reposição para os helicópteros. Quando havia necessidade de manutenção, os helicópteros ficavam indisponíveis ou peças eram retiradas de outras aeronaves até que as hélices pudessem ser pedidas e embarcadas pelo fabricante. Um processo que demorava várias semanas, e, muitas vezes, até meses.
- **Melhora significativa na capacidade de transporte terrestre e aéreo.** Caminhões e outras viaturas terrestres, e aeronaves de asa fixa e rotativa.

Críticas ao maior envolvimento dos EUA

Aqueles que criticam as propostas de ajuda militar norte-americana para a Colômbia fazem três acusações básicas. Primeiro, os EUA embarcariam num compromisso que acabaria por colocá-los em uma situação do tipo da guerra civil do Vietnã, com similares conseqüências desastrosas. Segundo, a performance em direitos humanos do militar colombiano é tão fraca que os EUA não deveriam se envolver até existirem claras provas de melhora. Terceiro, a magnitude do problema colombiano é tanta que tornaria inviável o custo em equipamento e programa norte-americano de treinamento.

A policía antinarcóticos confisca sete toneladas de cocaína.

O Vietnã e as lições aprendidas em El Salvador.

Entre os resultados mais negativos do envolvimento dos EUA no Vietnã foram a falha no reconhecimento das lições, o trauma deixado e a paralisação no processo da tomada de decisões pela possibilidade, mesmo que remota, de que os EUA possam vir a se envolver em outra experiência semelhante. O anônimo e obviamente hostil empregado de Congresso que descreveu os programas de treinamento policial e militar dos EUA na Colômbia como sendo "um modelo perfeito das atividades norte-americanas no Vietnã em 1964" (revista *Time*, 09 Ago 99) obviamente não sabe nada sobre o Vietnã ou sobre a Colômbia.

Várias lições podem ser aprendidas sobre nossa experiência no Vietnã. No entanto, deixar de participar positivamente nos progressos em países estrangeiros de importância para os EUA não deve ser uma delas.

Aqueles de nós envolvidos no esforço norte-americano em ajudar o El Salvador a negociar uma solução à sua guerra civil aplicaram algumas das lições aprendidas no Vietnã. Condensarei estas lições em três:

Ao contrário do Vietnã, os EUA deixaram claro para El Salvador que a guerra era deles — não nossa — e que seria ganha ou perdida por salvadorenhos, e não por americanos.

Os EUA ajudariam a treinar as Forças Armadas de El Salvador mas não participariam em operações de combate e limitariam nosso envolvimento a 55 treinadores (não "conselheiros").

Os EUA usariam de toda pressão à sua disposição para persuadir o governo salvadorenho a fazer significativas reformas internas para acabar com o desrespeito aos direitos humanos por parte dos militares e da polícia, eliminar os "esquadrões da morte" paramilitares, criar uma nova constituição democrática, ter novas e honestas eleições, acabar com o monopólio da oligarquia sobre as principais plantações (açúcar, café, algodão, arroz, camarão, etc.), implementar a reforma agrária, dar assistência econômica aos campesinos, e dar início ao processo de criação de uma verdadeira democracia. Nenhuma delas foi exigida do regime em Saigon.

Conseqüentemente, o final da guerra civil em El Salvador foi bem diferente do Vietnã. Mesmo levando todos os fatores em conta, o fato incontestável é que

com um programa de planejamento simples e modesto de assistência americana, usando lições básicas aprendidas no Vietnã, as Forças Armadas salvadorenhas melhoraram sua performance militar a ponto de a *FMLN* decidir, finalmente, negociar a paz para não correr o risco de ser completamente eliminada.

Um helicóptero da Policía Nacional da Colômbia pousa sobre um cultivo de folha de coca.

Acabando com os mitos

Com respeito a custos, os EUA gastaram cerca de seis bilhões de dólares para ajudar a resolver o problema em El Salvador , um país pobre que passou vários anos sob uma debilitante guerra civil. Se os norte-americanos desejassem ver invertida a situação desse país teriam que arcar com a maioria dos recursos.

Mas este não é o caso na Colômbia. A Colômbia é rica em recursos e talento. O problema da Colômbia não é a falta de recursos mas o uso impróprio dos mesmos (ainda existe um elevado nível de corrupção no processo de aquisições nas Forças Armadas, na folha de pagamentos, nos contratos, etc.). A Colômbia gasta excessivamente em supérfluos e insuficientemente no que precisa. A Força Aérea colombiana ainda quer caças *F-16* para substituir os velhos *Mirage* e *Kfirs*; mas o que precisa é de aeronaves de ataque terrestre, apoio aéreo aproximado e capacidade de transporte aéreo, em asas fixas e rotativas. Sua marinha ainda sonha com contratorpedeiros, fragatas e submarinos para poder operar em águas internacionais; o que precisa é de patrulhas costeiras e embarcações ribeirinhas para recuperar o controle de suas águas territoriais e rios, hoje nas mãos de contrabandistas e narcotraficantes. O exército quer muito equipamento caro e de alta tecnologia que não é necessário para combater pequenos grupos de guerrilha nas montanhas; o que precisa na verdade é de mais mobilidade, equipamentos de comunicações, treinamento em operações de pequenas unidades, e combate noturno, melhorar a atividade de inteligência, e a capacidade de liderança.

Em 2000, a ajuda dos EUA para a Colômbia alcançou $289 milhões de dólares, o que representou o terceiro maior programa de assistência militar dos EUA no mundo. Porém, não tenhamos ilusões a respeito do seu esperado impacto, já que dessa quantia apenas $40 milhões não foram usados no esforço de erradicar a produção e bloquear a exportação de drogas.

Apesar de o presidente Andrés Pastrana e o Ministro da Defesa, Luis Fernando Ramirez, terem viajado a Washington pedindo mais assistência, a verba do Departamento de Defesa para a Colômbia é adequada à compra do equipamento militar necessário. Sua estrutura de força também é adequada, mas precisa adestramento para enfrentar as forças irregulares pequenas mas altamente móveis ao invés de exércitos invasores de fora de suas fronteiras. O país precisa levar a sério a situação que o ameaça a ponto de reexaminar algumas de suas práticas, tal como a dispensa dos estudantes do segundo grau do serviço militar. Necessita de apoio para reorganizar e reequipar suas forças militares para a guerra contra a insurreição e não para manobras do tipo usado na guerra convencional. De fato já há progresso nesse sentido e, em conseqüência, o Presidente Clinton, em sua mensagem do Estado da União, em 27 de janeiro de 2000, apelou ao Congresso para aumentar em $1.6 bilhão de dólares um programa de dois anos de assistência à Colômbia em seus esforços a favor da democratização e contra narcóticos.

Confisco de produtos químicos no Porto de Cartagena.

A Colômbia, ao contrário de El Salvador que estava à beira do colapso entre 1984/85, não está em perigo iminente de ser derrotada pela FARC ou ELN. Nenhum movimento de guerrilha está prestes a descer vertiginosamente das montanhas para se apoderar de Bogotá. Não é portanto necessário destinar recursos urgentes para o problema colombiano. Mas é necessário que ambos, a Colômbia e os EUA, o levem a sério — pouco se tem feito até agora.

Não existe nenhuma razão pela qual um programa de adestramento e assistência militares não possa ser desenvolvido com um número relativamente pequeno de militares norte-americanos, talvez até menos que os legendários 55 que foram usados em El Salvador. Os EUA tiveram que ajudar as Forças Armadas de El Salvador a desenvolverem habilidades em praticamente todos os tipos de operações militares e logística, peças de reposição, uniformes, rações, cuidados médicos, folha de pagamento, viaturas, armas e munições, habitações etc. As Forças Armadas da Colômbia, não obstante o inadequado preparo demonstrado até recentemente, são muito mais capazes do que foram as de El Salvador em princípios dos anos 80. Outrossim, os EUA enviaram assessores aos comandos de brigadas em El Salvador, o que não seria necessário fazer na Colômbia.

Não há motivo para que um programa de assistência militar dos EUA à Colômbia deva ser de porte, custoso ou necessariamente com maior envolvimento dos EUA para ser eficaz.

Vale a pena salientar o critério usado no programa de assistência e adestramento norte-americano em El Salvador, mudando o que for necessário para aplica-lo à Colômbia:

Este é um conflito colombiano. Os EUA não vão participar da guerra interna colombiana. Forças colombianas terão que combater e vencer e isto está conforme a posição do presidente Pastrana e de seus conselheiros militares, uma vantagem a mais.

Os EUA podem ajudar as Forças Armadas da Colômbia avaliar suas deficiências e saná-las — mas somente se quiserem nossa ajuda e estiverem dispostos a aplicar as lições aprendidas em outras situações em seu proveito.

Finalmente, as forças militares e a polícia colombianas precisam fundamentalmente mudar a maneira com a qual lidam com a população civil. Devem terminar — de uma vez por todas — os desrespeitos aos direitos humanos, que têm prejudicado sua interação com a população civil e a capacidade de obter sua cooperação e assistência. Retirar os responsáveis das posições militares e civis que ocupam. Julgar nas cortes civis aqueles que cometeram crimes considerados desta natureza.

A linha fundamental

Apesar de os colombianos precisarem tomar a maior parte das decisões e combater na maioria das batalhas que determinarão o destino do seu país, os EUA também precisam discutir sobre os resultados positivos que gostariam de ver na Colômbia e de que maneira influenciar para obter estes resultados.

Se os EUA realmente querem ver uma redução na produção e no tráfico dos narcóticos têm que aceitar o fato de que isto provavelmente não ocorrerá até que o governo

Microondas utilizados nos laboratórios para a elaboração da pasta base de cocaína.

colombiano recupere o controle sobre seu território e for capaz de ter autoridade para lidar com os narcotraficantes. Esta é uma absoluta condição *sine qua non* para a obtenção de qualquer impacto positivo sobre o cultivo da matéria-prima dos narcóticos ilegais, seu refino para o consumo (cocaína, goma de papoula e heroína), e seu empacotamento e embarque para os países consumidores.

Se os EUA querem também uma redução no desrespeito aos direitos humanos na Colômbia devem oferecer programas de treinamento a ambas forças, policiais e militares, para ajudá-las a se profissionalizarem ao ponto de não sentirem que devem apelar a esse desrespeito e à negação das liberdades civis para manterem a ordem pública e o acato às leis do país.

Se ativistas de direitos humanos na Colômbia, nos EUA e em outras partes querem ver o fim dos esquadrões da morte paramilitares, devem aceitar que a única maneira de eliminá-los é por intermédio de unidades adequadamente adestradas e equipadas da polícia e das Forças Armadas colombianas.

Quem mais faria o trabalho? Será que acreditamos que isto poderia ser feito com mais facilidade e rapidez caso os EUA se recusassem a ajudar a treinar forças do governo colombiano a respeitarem os direitos humanos e de defenderem a democracia contra uma corja de bandidos? É irracional acreditar que o governo da Colômbia ou suas Forças Armadas possam por fim à atividade ilegal das forças paramilitares se os EUA não estiverem preparados para ajudar a adestrar e equipar suas forças.

Afinal, este hemisfério é nosso lar. Não se trata de uma declaração de possessão colonial mas de proximidade geográfica simplesmente. Os EUA têm interesse no destino e futuro de seus vizinhos, bem como em seu bem estar. A Colômbia é nossa vizinha. Sua casa pegou fogo. Ela pediu, necessita e merece a nossa ajuda. A reação apropriada dos EUA não é lavar as mãos e ignorar o problema (com a desculpa de que não queremos nos envolver num Vietnã hispânico ou porque o passado colombiano em relação aos direitos humanos é negativo), mas de nos prepararmos para enfrentar o problema e tentar ajudar. ***MR***

---

*O Embaixador Passage, veterano com 33 anos na diplomacia dos EUA, possui larga experiência com insurreições na América Latina e em várias partes do mundo. Foi oficial político na Embaixada dos EUA no Equador em meados dos anos 70 e Vice-Chefe da Missão/*Charge d´Affaires *na Embaixada dos EUA em El Salvador no auge da guerra civil, entre 1984-86. Por coincidência, passou seis anos na Colômbia enquanto jovem e estava em Bogotá durante a violenta revolta de maio de 1948, iniciando a guerra civil chamada* La Violencia, *que durou dez anos. Aposentou-se do Departamento de Estado em Setembro de 1998. Começou sua carreira no serviço diplomático como analista de um programa de pacificação no Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietnã. Também serviu como negociador americano durante o extenso esforço diplomático americano dos anos 80 para conseguir a retirada de tropas cubanas da África, por fim às guerras civis em Angola e Moçambique, obter a independência da Namíbia (luta travada numa insurreição interna) e conseguir o fim do* apartheid *na África do Sul. No final de sua carreira, o Embaixador Passage foi Diretor de Assuntos dos Andes no Departamento de Estado, responsável pela conduta geral das relações dos EUA com a Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia. O Embaixador Passage é freqüente palestrante em escolas militares dos EUA, incluindo o Centro e Escola de Operações Especiais John F.Kennedy do Exército dos EUA, no Forte Bragg, a Escola de Operações Especiais da Força Aérea dos EUA em Hurlburt Field, Flórida, e a Escola de Estado-Maior das Forças Armadas em Norfolk. Também é membro do Comitê de Visitantes da Escola das Américas do Exército dos EUA, no Forte Benning, Geórgia.*